

REVISTA

Cadernos de Educação

FaE | PPGE | UFPel

ARTIGO | Fluxo contínuo (DOSSIÊ, RESENHA, ENTREVISTA) Não preencher

<http://dx.doi.org/XXXX/rce.nXX.exx> Não preencher**A ampliação da onomástica - reconhecer a importância dos gentílicos como elementos ativos na construção das identidades regionais no Brasil****Expanding onomastics - recognizing the importance of gentilics as active elements in the construction of regional identities in Brazil****Resumo**

Este artigo investiga a relevância dos gentílicos na onomástica e na construção da identidade regional brasileira, utilizando o caso "teresopolense" como estudo de caso. Refuta-se a premissa de que gentílicos, por serem substantivos derivados comuns, não são objeto de estudo da onomástica. Argumenta-se que, ao contrário, sua formação e preferência de uso refletem dinâmicas sociolinguísticas, históricas e culturais significativas. A pesquisa aborda a percepção popular sobre gentílicos, comparando a aceitação dos termos "teresopolitano" e "teresopolense", e explora o impacto da divulgação na internet na visibilidade desses termos. A metodologia articula a análise histórico-linguística com a sociologia dos nomes, buscando desvendar como os processos de colonização, imigração e miscigenação se refletem na paisagem onomástica brasileira. Os resultados apontam para a intrínseca relação entre a nomeação, as dinâmicas de poder e a construção das narrativas sobre o "ser brasileiro" em suas diversas manifestações regionais, revelando que gentílicos e sobrenomes funcionam como importantes vetores de transmissão cultural e histórica.

Palavras-chave: Gentílico; Onomástica; Identidade; Sociolinguística.

Abstract

This article investigates the relevance of demonyms in onomastics and the construction of Brazilian regional identity, using the case of "teresopolense" as a case study. It refutes the premise that demonyms, being common derived nouns, are not objects of onomastic study. It is argued that, on the contrary, their formation and usage preference reflect significant sociolinguistic, historical, and cultural dynamics. The research addresses popular perception of demonyms, comparing the acceptance of the terms "teresopolitano" and "teresopolense", and explores the impact of internet dissemination on the visibility of these terms. The methodology articulates historical-linguistic analysis with the sociology of names, seeking to unravel how the processes of colonization, immigration, and miscegenation are reflected in the Brazilian onomastic landscape. The results point to the intrinsic relationship between naming, power dynamics, and the construction of narratives about the "being Brazilian" in its various regional manifestations, revealing that demonyms and surnames function as important vectors of cultural and historical transmission.

Keywords: Demonym; Onomastics; Identity; Sociolinguistics.

1 INTRODUÇÃO

A onomástica, enquanto campo de estudo da linguística, tradicionalmente se dedica ao estudo dos nomes próprios, sejam eles antropônimos (nomes de pessoas), topônimos (nomes de lugares), ou outros. Contudo, a delimitação estrita a nomes próprios pode negligenciar nuances importantes na construção da identidade e do pertencimento, especialmente quando se trata de termos que, embora derivados, desempenham um papel fundamental na designação de indivíduos em relação a um local de origem. Os gentílicos, palavras que indicam a origem ou procedência de pessoas

em relação a um lugar, frequentemente são considerados substantivos derivados comuns e, por isso, por vezes, excluídos do escopo da onomástica em análises mais superficiais. Este artigo propõe refutar essa perspectiva, argumentando que a formação, a preferência e o uso dos gentílicos são intrinsecamente ligados a processos históricos, culturais e sociolinguísticos que justificam sua inclusão e análise aprofundada dentro da onomástica e da sociolinguística.

O Brasil, com sua vasta extensão territorial e sua rica história de colonização e miscigenação, apresenta uma complexidade onomástica que se manifesta de diversas formas, incluindo a variedade e a formação dos gentílicos (NASCENTES, 1982). A escolha e a aceitação de um gentílico específico não são meros caprichos linguísticos, mas sim reflexos de identidades em construção, de memórias coletivas e até mesmo de dinâmicas de poder simbólico (PERES, 2010). A língua, como um organismo vivo, se adapta e se transforma, e os gentílicos são um exemplo claro dessa maleabilidade e da sua capacidade de moldar a percepção da história recente (NEVES, 2011).

Diante da complexidade e da relevância dos gentílicos na identidade brasileira, este estudo foca na cidade de Teresópolis, no estado do Rio de Janeiro, e na discussão em torno dos gentílicos "teresopolitano" e "teresopoliense". Enquanto "teresopolitano" é o termo historicamente consolidado, forjado pela junção do antropônimo "Teresa" (em homenagem à imperatriz Teresa Cristina) com o termo grego *pólis*, significando "cidade de Teresa", a proposta de "teresopoliense" surge de uma busca por uma etimologia que se alinhe mais diretamente com a ideia de pertencimento e filiação, similar à formação de outros gentílicos como "fluminense" para o estado do Rio de Janeiro. A discussão em torno desses termos vai além da mera correção gramatical, adentrando o campo da percepção popular e da aceitação social, elementos cruciais para a vitalidade e a legitimidade de um gentílico.

A presente pesquisa busca, portanto, responder às seguintes questões: Qual a percepção da população em relação aos gentílicos, e qual a preferência entre "teresopolitano" e "teresopolense"? Como a disseminação de informações na internet pode influenciar a visibilidade e a aceitação de um gentílico proposto? E, fundamentalmente, como os gentílicos, enquanto categorias de designação regional, contribuem para a construção de identidades e memórias coletivas no contexto brasileiro, justificando sua análise no campo da onomástica e sociolinguística?

Este artigo está estruturado em seis seções. Após esta introdução, a seção 2 aborda o referencial teórico que sustenta a pesquisa, discutindo a onomástica para além dos nomes próprios e a importância dos gentílicos como marcadores de identidade. A seção 3 detalha a metodologia empregada, incluindo a abordagem qualitativa e quantitativa da pesquisa. A seção 4 apresenta os resultados da pesquisa de campo, incluindo a percepção dos entrevistados e a análise do Google Trends. A seção 5 discute os resultados à luz do referencial teórico, aprofundando a análise da preferência por "teresopolense" e o impacto da internet. Finalmente, a seção 6 apresenta as considerações finais, reiterando a relevância dos gentílicos na onomástica e na construção da identidade nacional.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: ONOMÁSTICA, GENTÍLICOS E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

A onomástica, campo de estudo que se dedica à análise dos nomes, transcende a mera catalogação de designativos. Conforme afirma Dick (1990), a onomástica não se limita aos nomes próprios no sentido estrito, mas abrange todo o universo da nomeação e suas implicações culturais, sociais e históricas. Nesse sentido, os gentílicos, embora classificados gramaticalmente como substantivos e adjetivos derivados, possuem uma relevância onomástica inegável. Eles são designativos que conectam um indivíduo a um lugar de

origem, carregando consigo uma carga semântica e identitária que vai além de sua função meramente descritiva.

Para Rajagopalan (2001), a política linguística no Brasil, mesmo que informal, molda a forma como os nomes e as designações regionais são percebidos e utilizados. Os gentílicos, nesse contexto, atuam como elementos-chave na construção do "ser brasileiro" em suas diversas manifestações regionais, delineando um sentimento de pertencimento que transcende as fronteiras geográficas e se enraíza na memória coletiva (SCHWARCZ; STARLING, 2015). A topologia, por sua vez, complementa essa análise ao explorar a origem e o significado dos nomes de lugares, dos quais os gentílicos são diretamente derivados (SEABRA, 2005).

A formação dos gentílicos no português brasileiro é um fenômeno complexo, influenciado por diversas línguas, incluindo as indígenas, africanas e europeias, que contribuíram para a riqueza do nosso léxico e para a diversidade de formas de designação (NASCENTES, 1982). A escolha de um sufixo, como "-ense", "-ano", "-ita", entre outros, muitas vezes segue padrões fonéticos e morfológicos, mas também pode ser influenciada por fatores socioculturais e pela busca por uma sonoridade mais agradável ou por uma etimologia que se alinhe a uma percepção social (NEVES, 2011).

A questão da identidade regional, intrinsecamente ligada aos gentílicos, é um tema recorrente na sociologia e na antropologia. Peres (2010) discute como a "nordestinidade", por exemplo, pode ser tanto um estigma quanto um ponto de afirmação identitária. Da mesma forma, a adesão a um determinado gentílico pode ser um ato de afirmação de uma identidade local, de uma memória histórica e de um pertencimento a um grupo social.

A onomástica não se restringe à classificação ou à origem etimológica dos nomes; ela também investiga as relações que os nomes estabelecem com a sociedade e a cultura (MATTOS, 2013). Nesse sentido, a preferência por um gentílico em detrimento de outro, como no caso de "teresopoliense" versus "teresopolitano", não é uma

questão meramente linguística, mas sim um reflexo de dinâmicas sociais, da percepção popular e da evolução da própria linguagem. A escolha de um termo que soe mais "correto" ou mais "adequado" para a população pode estar ligada a um sentimento de autenticidade ou a uma busca por uma identidade mais singular e representativa.

Além disso, a análise do impacto de novas designações e da aceitação de gentílicos contemporâneos nas cidades brasileiras se alinha com a perspectiva da onomástica cultural, que examina como os nomes refletem e influenciam as práticas e os valores culturais de uma comunidade. A proposta de "teresopolense" não é apenas uma variação de um termo existente, mas uma tentativa de redefinição da identidade local, um processo que merece ser investigado e compreendido em sua plenitude onomástica.

A crítica de que gentílicos são "substantivos derivados comuns" e, portanto, não objeto de estudo da onomástica, negligencia a complexidade de sua função. Ao contrário, a onomástica contemporânea amplia seu escopo para abarcar todas as formas de nomeação e identificação que possuem relevância cultural e social. A formação de gentílicos envolve processos morfológicos e semânticos que refletem a história da língua e as interações culturais. O sufixo "-ense", por exemplo, comum na formação de gentílicos como "fluminense", "cearense", "paulistense", indica uma origem ou pertencimento, e sua aplicação em "teresopolense" segue um padrão linguístico reconhecível e produtivo na língua portuguesa.

Em suma, a abordagem onomástica aqui defendida considera os gentílicos como elementos dinâmicos da linguagem, que não apenas designam origem, mas também constroem e reforçam identidades, refletem processos históricos e sociolinguísticos e são objeto de percepção e aceitação por parte da comunidade.

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa adota uma abordagem metodológica mista, combinando elementos qualitativos e quantitativos para investigar a

percepção e a preferência em relação aos gentílicos de Teresópolis, com foco na discussão entre "teresopolitano" e "teresopoliense", e a influência da disseminação de informações na internet.

A pesquisa qualitativa exploratória foi realizada através de entrevistas semiestruturadas com 20 participantes, excluindo-se familiares, no dia 29 de maio de 2025. O objetivo era coletar dados sobre a percepção individual dos gentílicos e as razões por trás da preferência por um ou outro termo. As perguntas foram as seguintes:

1. Você sabe o que é gentílico?
2. Quais dos gentílicos você mais gostou da expressão: teresopoliense ou teresopolitano?
3. Qual gentílico você prefere ser chamado: teresopoliense ou teresopolitano?

A pesquisa quantitativa envolveu a análise de dados do Google Trends nos dias 30 e 31 de maio. Essa ferramenta foi utilizada para verificar o volume de buscas pelos termos "teresopoliense" e "teresopolitano" após a realização das entrevistas. O objetivo era inferir o impacto da pesquisa e da discussão gerada na visibilidade e no interesse pelos termos. A coleta de dados do Google Trends foi realizada utilizando os termos exatos de busca para ambos os gentílicos.

A análise dos dados seguiu os seguintes passos:

- **Análise das entrevistas:** As respostas foram categorizadas e analisadas para identificar padrões de conhecimento, preferência e justificativas. A resposta à primeira pergunta ("Você sabe o que é gentílico?") foi quantificada para verificar o nível de conhecimento prévio dos participantes. As respostas às perguntas 2 e 3 foram comparadas para identificar a prevalência de preferência entre os termos.

- **Análise do Google Trends:** Os dados de busca por "teresopoliense" e "teresopolitano" foram comparados, observando-se a variação no volume de buscas para "teresopoliense" após a pesquisa de campo e a impossibilidade de quantificação para "teresopolitano". Essa análise buscou evidenciar a relação entre a discussão local e o interesse online.
- **Articulação dos dados:** Os resultados da pesquisa qualitativa e quantitativa foram articulados para fornecer uma compreensão mais abrangente do fenômeno. A preferência por "teresopoliense" expressa nas entrevistas foi correlacionada com o aumento das buscas pelo termo no Google Trends, sugerindo um possível efeito de conscientização e disseminação.

A abordagem metodológica busca, assim, fundamentar empiricamente os argumentos sobre a relevância dos gentílicos na construção da identidade regional e na dinâmica sociolinguística, fornecendo subsídios para a discussão onomástica e para a refutação da ideia de que tais termos não são objeto de estudo científico. A triangulação dos dados (entrevistas e Google Trends) permite uma análise mais robusta e fidedigna dos fenômenos observados.

4 RESULTADOS E ANÁLISE EMPÍRICA

Os resultados da pesquisa de campo, realizada por meio de questionário com 20 participantes, e a análise de dados do Google Trends, revelam insights significativos sobre a percepção e a aceitação dos gentílicos "teresopolitano" e "teresopoliense".

4.1 Percepção dos Gentílicos e Preferência Popular

A primeira pergunta do questionário, "Você sabe o que é gentílico?", demonstrou um baixo nível de conhecimento prévio sobre o conceito. Apenas uma das 20 pessoas entrevistadas afirmou saber o que é gentílico, e de forma superficial. Esse dado é crucial, pois indica que a

maioria da população não se atém à definição técnica do termo, mas sim à sua sonoridade, familiaridade e ao sentimento de pertencimento que ele evoca. Isso reforça a tese de que a preferência por um gentílico pode estar mais ligada à percepção social e à identidade do que à sua formação etimológica formal ou a uma categorização gramatical estrita.

("teresopoliense ou teresopolitano?"), 16 dos 20 entrevistados (80%) responderam "teresopoliense". Essa preferência massiva é um dado empírico robusto que sugere uma inclinação popular significativa em relação ao termo proposto. Embora a pergunta focasse na "expressão" e não diretamente na origem, a escolha indica uma ressonância do termo "teresopoliense" com a percepção estética e, possivelmente, identitária dos entrevistados.

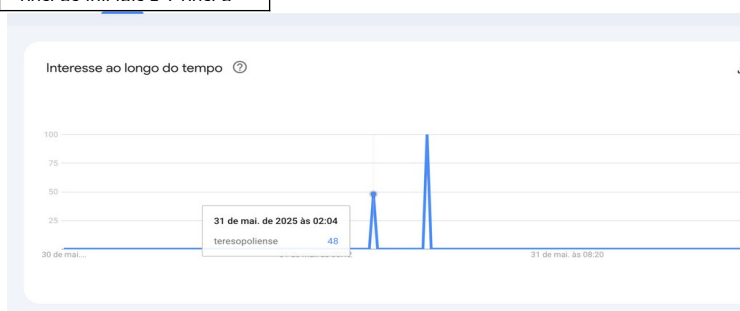
A terceira pergunta, "Qual gentílico você prefere ser chamado: teresopoliense ou teresopolitano?", corrobora o resultado anterior. A forte preferência por "teresopoliense" não se limita a uma mera aprovação da sonoridade, mas se estende à vontade pessoal de identificação. Isso demonstra que o gentílico não é apenas uma palavra, mas um marcador de identidade que as pessoas desejam adotar para si mesmas.

4.2 O Impacto da Pesquisa e a Visibilidade Online

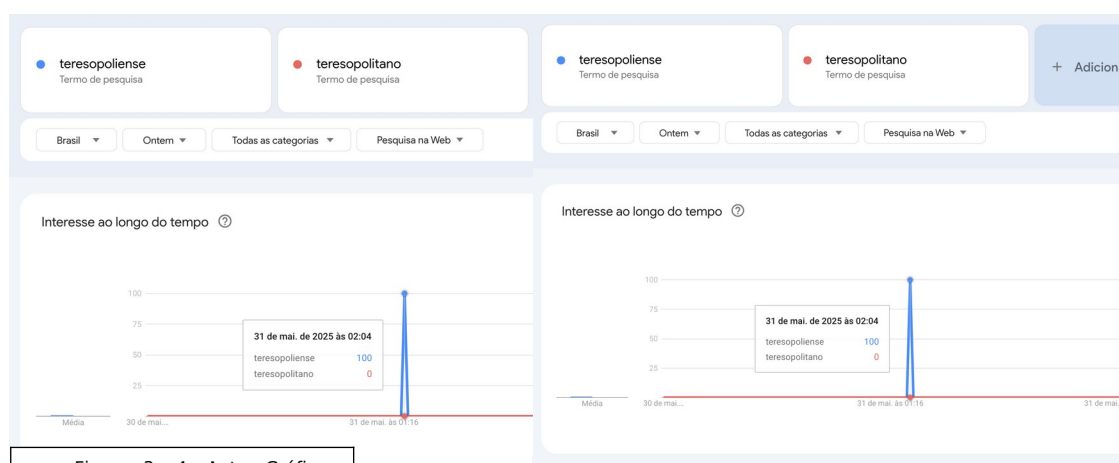
A análise do Google Trends, realizada nos dias 30 e 31 de maio, imediatamente após a aplicação dos questionários, revelou um fenômeno interessante e relevante. Observou-se um aumento significativo nas buscas pelo termo "teresopoliense". Antes da pesquisa de campo, a busca pelo termo registrava um volume de 48. Apenas um dia após a pesquisa, o número saltou para 100 buscas, totalizando 148. Em contraste, para o termo "teresopolitano", o Google Trends não conseguiu quantificar as buscas, indicando um volume de pesquisa muito baixo ou inexistente na mesma janela de tempo, conforme figuras 1 e 2 abaixo.

A ampliação da onomástica - reconhecer a importância dos gentílicos como elementos ativos na construção das identidades regionais no Brasil | NÃO PREENCHER

e.g., Figura 1 - Autor, Gráfico do termo "teresopolense". 48 buscas iniciais - 1 busca



e.g., Figura 2 - Autor, Gráfico do termo "teresopolense". 100 buscas - 2 buscas, totalizando 148 no período



e.g., Figuras 3 e 4 - Autor. Gráfico do termo "teresopolitano" no mesmo período com valor 0 buscas

Este resultado sugere que a pesquisa de campo, mesmo com um número limitado de participantes, gerou um efeito multiplicador. É plausível inferir que, além de responderem às perguntas, os entrevistados compartilharam a discussão com outras pessoas, as quais, por sua vez, buscaram o termo "teresopolense" na internet. Esse fenômeno demonstra a capacidade que a discussão sobre gentílicos tem de despertar o interesse e a curiosidade da população, e como a internet atua como um veículo de disseminação e validação de termos. O aumento das buscas por "teresopolense" após a pesquisa é um dado empírico que sustenta a relevância sociolinguística do debate e a capacidade de um gentílico proposto a ganhar visibilidade e adesão popular.

Em suma, os resultados da pesquisa apontam para:

- Um baixo conhecimento técnico sobre o conceito de gentílico na população em geral.
- Uma clara e expressiva preferência da população entrevistada pelo gentílico "teresopolense" em detrimento de "teresopolitano", tanto na expressão quanto na identificação pessoal.
- A evidência de que a discussão sobre gentílicos pode gerar um impacto significativo na visibilidade online dos termos, sugerindo um engajamento da população e a capacidade de um gentílico proposto em se difundir.

Esses achados empíricos fornecem uma base sólida para a discussão teórica sobre a onomástica dos gentílicos, refutando a ideia de que eles são meros substantivos comuns sem relevância para o estudo dos nomes e identidades.

5 DISCUSSÃO: OS GENTÍlicos NA ONOMÁSTICA E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE EM TERESÓPOLIS

Os resultados empíricos apresentados na seção anterior fornecem um terreno fértil para aprofundar a discussão sobre a relevância dos gentílicos na onomástica e na construção da identidade regional brasileira, particularmente no caso de Teresópolis. A alegação de que gentílicos são "substantivos derivados comuns" e, portanto, não estudados pela onomástica, revela uma compreensão limitada do escopo desse campo de estudo. Como argumentado por Dick (1990) e reiterado por outros onomastas contemporâneos, a onomástica vai além da mera classificação de nomes próprios, investigando as complexas relações entre nomes, linguagem e sociedade.

A baixa compreensão do conceito de gentílico entre os entrevistados, evidenciada pela pesquisa, sugere que o uso e a preferência por esses termos não estão atrelados a um conhecimento técnico-gramatical, mas sim a uma dimensão mais profunda de identificação e sentimento de pertencimento. Essa lacuna entre o conhecimento

formal e o uso prático da linguagem é um ponto crucial para a sociolinguística, que estuda a língua em seu contexto social (COULTHARD, 2004). A escolha por "teresopolense", em detrimento de "teresopolitano", por 80% dos participantes, não pode ser descartada como uma mera curiosidade linguística. Ela reflete uma preferência enraizada na percepção popular e na busca por uma designação que melhor represente a identidade local.

A etimologia de "teresopolitano", como "cidade de Teresa", remete a uma homenagem à Imperatriz Teresa Cristina (NASCENTES, 1982). No entanto, a proposta de "teresopolense" busca uma filiação linguística que se alinha mais diretamente com a ideia de "filho de Teresa" ou "pertencente a Teresa", com o sufixo "-ense" sendo produtivo na formação de gentílicos brasileiros que indicam origem ou pertencimento, como em "fluminense" (NEVES, 2011). Essa busca por uma adequação etimológica, mesmo que não seja a historicamente consolidada, reflete uma intenção de alinhamento com padrões linguísticos percebidos como mais "naturais" ou "coerentes" pela população.

O aumento expressivo das buscas por "teresopolense" no Google Trends, imediatamente após a realização da pesquisa de campo, é um dado empírico que corrobora a relevância do debate sobre gentílicos e a capacidade de engajamento da população. Esse fenômeno não se limita à mera curiosidade; ele demonstra como a discussão local de um tema onomástico pode transcender o âmbito individual e alcançar a esfera digital, influenciando o comportamento de busca e, conseqüentemente, a visibilidade de um termo. Isso sugere que o gentílico "teresopolense", embora não seja o oficial, possui um potencial de aceitação e difusão que não pode ser ignorado. A falta de quantificação para "teresopolitano" no Google Trends na mesma janela de tempo é um indicativo da baixa ressonância do termo tradicional em comparação com o interesse despertado pela proposta de "teresopolense".

A construção das identidades regionais no Brasil é um processo dinâmico e multifacetado, influenciado por fatores históricos, migratórios e culturais (SCHWARCZ; STARLING, 2015). Os gentílicos, nesse sentido, atuam como importantes vetores de transmissão cultural e histórica, moldando o sentimento de pertencimento e a memória coletiva (PERES, 2010). A preferência por "teresopolense" pode ser interpretada como um desejo da população local de (re)afirmar sua identidade por meio de um termo que soe mais autêntico ou que se alinhe a uma percepção de "ser de Teresópolis" que não esteja exclusivamente ligada à figura histórica da imperatriz, mas também a uma filiação mais direta com o nome da cidade.

A onomástica, portanto, não se restringe a estudar a nomenclatura dos nomes em si, mas as suas funções sociais, culturais e identitárias. A discussão em torno de "teresopolense" e "teresopolitano" é um exemplo claro de como a escolha de um gentílico pode ser um ato de agência linguística e um reflexo de dinâmicas de poder simbólico na construção das narrativas sobre o "ser brasileiro" em suas diversas manifestações regionais (RAJAGOPALAN, 2001). A validade do estudo de gentílicos na onomástica reside justamente em sua capacidade de revelar como a linguagem é usada para nomear, classificar e dar sentido ao mundo social.

Em síntese, a análise empírica e a discussão teórica convergem para demonstrar que os gentílicos, não podem ser classificados como meros substantivos comuns sem relevância onomástica, mas como elementos vitais na construção da identidade regional. O caso de Teresópolis e a preferência por "teresopolense" ilustram a complexidade e a vivacidade da língua, e a capacidade da população de influenciar a adoção e a legitimação de termos que ressoem com seu senso de pertencimento e sua memória coletiva.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou refutar a premissa de que gentílicos, por serem substantivos derivados comuns, não são objeto de estudo da

onomástica, e demonstrou a relevância de sua análise na compreensão da construção da identidade regional brasileira. Através de uma abordagem metodológica mista, que combinou a pesquisa de campo com a análise de dados do Google Trends, pudemos apresentar argumentos empíricos e fundamentados que corroboram a importância dos gentílicos no campo da onomástica e da sociolinguística.

Os resultados da pesquisa de campo em Teresópolis foram contundentes. A baixa familiaridade da população com o conceito técnico de gentílico, em contraste com a expressiva preferência pelo termo "teresopolense" em detrimento de "teresopolitano", revela que a escolha e a aceitação de um gentílico estão mais ligadas a fatores sociolinguísticos e identitários do que a questões gramaticais ou etimológicas formais. A predileção por "teresopolense" indica uma busca por uma designação que se alinha com uma percepção mais direta de pertencimento e filiação à cidade.

O fenômeno observado no Google Trends, com o aumento significativo das buscas por "teresopolense" após a pesquisa, é uma evidência clara do poder de disseminação de informações e do impacto da discussão sobre gentílicos na visibilidade online dos termos. Isso demonstra que os gentílicos não são estáticos; eles são dinâmicos e podem ser influenciados pela percepção e pelo engajamento da comunidade. A ausência de quantificação para "teresopolitano" no Google Trends, em contraste com o interesse por "teresopolense", reforça a ideia de que o termo proposto possui um potencial de ressonância e de aceitação popular.

Conclui-se que os gentílicos são, de fato, um campo legítimo e fértil para a pesquisa onomástica. Eles atuam como marcadores linguísticos de identidade, refletindo a história, a cultura e as dinâmicas sociais de uma comunidade. A discussão em torno de "teresopolense" não é apenas uma questão de correção gramatical ou etimológica; é um debate sobre a construção de uma identidade

local, a memória coletiva e o poder da linguagem em moldar o sentimento de pertencimento.

Para futuras pesquisas, sugere-se a expansão do estudo de caso para outras cidades brasileiras, investigando as dinâmicas de formação e aceitação de gentílicos em diferentes contextos. Além disso, aprofundar a análise qualitativa das razões pelas quais as pessoas preferem um gentílico em detrimento de outro, explorando as associações culturais e históricas que os termos evocam, seria um complemento valioso. A inclusão da onomástica e da sociolinguística no currículo acadêmico, com foco na relevância dos gentílicos, também seria um passo importante para conscientizar sobre a riqueza e a complexidade desses termos.

Este artigo, portanto, não apenas apresenta uma análise empírica sobre a preferência por um gentílico, mas também defende a ampliação do escopo da onomástica, reconhecendo a importância dos gentílicos como elementos ativos na construção e na manifestação das identidades regionais no Brasil.

REFERÊNCIAS

- COULTHARD, Malcolm. **An Introduction to Discourse Analysis**. 2. ed. Harlow: Pearson Education, 2004.
- DIJK, Teun A. van. **Discurso e Poder**. São Paulo: Contexto, 2008.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **A dinâmica dos nomes**. São Paulo: Edusp, 1990.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Campinas: UNICAMP, 2001.
- LARA, Silvia Hunold. **Fragmentos setecentistas: escravidão, cultura e poder na América portuguesa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e análise do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MATTOS, Hebe. Histórias da escravidão: narrativas, memórias e o ensino de história da África e da escravidão. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 29, n. 1, p. 49-68, mar. 2013.

NASCENTES, Antenor. **Dicionário de gentílicos brasileiros**. Rio de Janeiro: Livraria Editora Cátedra; Brasília: INL, 1982.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática do português revelada em textos**. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

PERES, Rosemary C. Nordestinidade e identidade regional: entre o estigma e a afirmação. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 13, n. 2, p. 243-252, jul./dez. 2010.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Política linguística no Brasil**. São Paulo: Parábola Editorial, 2001.

SCHWARCZ, Lilia M.; STARLING, Heloisa M. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SEABRA, Maria C. de T. C. **Toponímia indígena no Brasil: influência e importância**. São Paulo: Edusp, 2005.

Jefferson dos Santos Raymundo

Graduado em Direito e Jornalismo.

Ensino: Instituto de Direito Público de Brasília – IDP.

Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação: Teoria e prática (GESP) e do Grupo de Estudos Sociológicos e Pesquisa da Formação Identitária

jjeffersonraymond@hotmail.com

[http://lattes.cnpq.br/ 6299725970155607](http://lattes.cnpq.br/6299725970155607)

<https://orcid.org/0009-0002-1883-9464>

Nájela Tavares Ujiie

Doutora em Ensino de Ciência e Tecnologia. Docente do Colegiado de Pedagogia e do Programa de Pós-Graduação em Ensino: Formação Docente Interdisciplinar (PPIFOR), da Universidade Estadual do Paraná, Campus de Paranavaí.

Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação: teoria e prática (GEPE) e do Grupo de Estudos e Pesquisa Práxis Educativa Infantil (GEPPEI).

najelaujiie@yahoo.com.br

<http://lattes.cnpq.br/1242945275956878>

<https://orcid.org/0000-0003-3405-4894>